

“EU QUERO ME FORMAR E CONTINUAR NO MEU LUGAR AJUDANDO AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE”: PROJEÇÕES DE FUTURO DE JOVENS RURAIS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO/ EFA/INDEPENDÊNCIA - CE.

Raquel Bezerra da Costa ¹
Jaiane Araujo de Oliveira ²

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender quais as perspectivas de futuro dos jovens egressos da Escola Família Agrícola Dom Fragoso/EFA/Independência/Ceará, da turma de 2020. O trabalho foi feito a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa que possibilitou um diálogo com o objeto e os sujeitos investigados. Para obtenção de dados foi realizada entrevistas individuais através da plataforma Google Meet com 8 educandos egressos, sendo 4 mulheres e 4 homens. As principais categorias de análise foram as temáticas de Educação do Campo, Escolas Famílias Agrícolas e Juventude Rural. A pesquisa revela que a formação ofertada pela EFA Dom Fragoso, ocupa papel importante na vida dos estudantes que chegam na escola, tendo em vista as mudanças tanto no campo pessoal quanto no profissional que são evidenciadas nas falas dos egressos. Percebeu-se com este trabalho, que a escola é lugar de sonhos, desejos, de um vir a ser. Estes sonhos e projetos se assentam na educação, no acúmulo de conhecimentos para uma vida mais digna. A pesquisa nos mostra que os sonhos e projetos dos jovens se interconectam com o compromisso social, coletivo, de colaborar com a vida de suas famílias e da comunidade de origem, quando utilizam o plano de estudos como instrumento de conhecimento, resgate da memória e história da comunidade que vive e com isso pensar ações/práticas de mudança social. Conclui-se que as perspectivas de futuro da juventude do campo que estuda na EFA, têm uma dimensão endógena, ou seja, de olhar para a comunidade, a cultura, a identidade camponesa e assim, se firmar e desenvolver-se humano e profissionalmente.

Palavras-chave: Juventude Rural, Educação do Campo, Escolas Agrícolas, Perspectivas de Futuro.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender e conhecer quais as perspectivas de futuro dos jovens educandos do 3º ano da Escola Família Agrícola Dom Fragoso/EFA da turma de 2020. Para alcança tal objetivo, temos como específicos: compreender o significado da Educação do Campo nas trajetórias de vida pessoal e profissional destes jovens camponeses; Identificar a partir de que elementos os jovens estudantes da EFA constroem ou se permitem construir projetos de futuro; Analisar se o acesso a EFA repercute, no campo profissional e

¹ Pós-graduada em Especialização em Educação do Campo do IFCE/Crateús e educadora na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, rqlcosta123@gmail.com;

² Professora Pedagoga Doutora do IFCE/Crateús, oliveira.jaiane@ifce.edu.br

pessoal, nas perspectivas de futuro dos jovens do campo; Conhecer as mudanças que ocorreram na vida destes jovens ao ingressarem na EFA.

. A escolha dessa temática resulta da minha experiência como educadora profissional que atua na EFA há mais de um ano. Essa vivência laboral me possibilitou conhecer a escola e o

seu projeto de Educação, assim como enxergar os educandos como sujeitos que se educam, produzem, sonham e constroem perspectivas de futuro a partir das aprendizagens e das vivências tecidas na escola.

Surgiu a partir de observações e diálogos com os alunos, apesar do pouco tempo de convivência, e também por está conhecendo um pouco da dinâmica da escola, das ferramentas que norteiam a pedagogia da alternância. Tudo isso expressa a relação do pesquisador com o objeto de pesquisa, que é fruto de sua experiência, descobertas e curiosidades.

Este trabalho está estruturado em: Referencial teórico onde são apresentadas a construção da Educação do Campo e das EFAs, também é realizado uma explicação sobre o termo Juventudes. Em seguida tem-se a metodologia desta pesquisa, que aborda os métodos utilizados para sua realização, os resultados e discussões em que a pesquisadora busca compreender as respostas das entrevistas, trazendo autores relacionados a temática em questão, e por fim a conclusão, em que se atenta para os objetivos que foram alcançados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte do trabalho será apresentado a construção da educação do campo e a propagação das EFAs no Brasil, e no estado do Ceará. Compreender a partir de estudos acadêmicos quem são as juventudes que estão presente no ambiente rural, como estes jovens constroem suas identidades.

A educação no campo sempre foi “marginalizada”, reafirmando o estereótipo dos povos do campo como pessoas atrasadas, que por exercerem a agricultura e conseqüentemente se utilizarem de trabalho braçal não havia necessidade de educação, “afinal esta também vem acompanhada ao controle da elite, visto que quanto menos esses sujeitos do campo souberem, mais fácil será sua exploração” (SANTOS E VINHA, 2018, p.6)

A partir da década de 1990 iniciou-se um forte movimento por uma educação do campo, para que os povos camponeses tivessem uma educação que se adequasse a sua realidade, tendo em vista que “durante muitos séculos a formação destinada às classes populares do campo, vinculou-se a um modelo “importado” de educação urbana” que de forma alguma poderia contemplar a realidade camponesa e que só reafirmava “o controle de uma classe dominante



sobre outras, provocando uma exclusão social, concentração fundiária e escravidão”.(SANTOS, 2017, p.211; SANTOS e VINHA, 2018)

Em 1997 foi realizado o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), encontro este que foi organizado pelo Movimento Sem Terra (MST) juntamente com a Universidade de Brasília (UnB) e outras entidades envolvidas. Neste encontro foram realizados diversos debates sobre a educação do campo em consonância com a questão agrária. (SANTOS E VINHA, 2018)

Neste evento foi lançado um desafio: pensar a educação pública para os povos do campo, considerando seu contexto em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. Sua maneira de conceber o tempo, espaço, meio ambiente, produção, organização coletiva, questões familiares, trabalho, entre outros aspectos. (SANTOS, 2017, p. 215)

Em 2007 foi criado o Procampo (Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo), como um programa de apoio a criação de licenciaturas em educação do campo nas instituições de ensino superior, no qual a primeira turma de LEDoC foi ofertada pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 2005, sendo considerada turma de projeto e instalou-se via parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), MST, INCRA e PRONERA.

Então a educação do campo está presente em um espaço em que as pessoas que o compõem, possuem uma identidade própria, e através dessa identidade deixa-se transparecer toda sua cultura, seus conhecimentos adquiridos por seus ancestrais, sua comunicação, suas vestimentas etc. E é baseado em todos estes elementos que a Educação do Campo se desenvolve, sendo a Educação Contextualizada uma forma de ensino para o desenvolvimento desta educação.

Para Begnami a alternância é “uma das iniciativas mais adequadas e inéditas de escolarização e profissionalização de filhos e filhas de agricultores familiares e trabalhadores rurais no Brasil” (BEGNAMI, 2003, p.21).

A Pedagogia da Alternância está presente nas EFAs (Escolas Família Agrícolas) que surgiram na França a partir da insatisfação de alguns agricultores com o modelo de educação oferecido aos seus filhos. “A ideia era a escola trabalhar com os saberes do campo, situando-se nos saberes produzidos pela humanidade na escola, fazendo um retorno desses saberes ao campo numa dimensão diferente (SOUZA, 2019, p.46).

No Brasil as primeiras EFA's surgiram no estado do Espírito Santo, em 1969. Nos anos de 1980, há a expansão das EFA's em todos os estados brasileiros. No estado do Ceará a primeira EFA surgiu no ano de 2002 na cidade de Independência nos sertões de Crateús,



denominada Escola Família Agrícola Dom Frágoso. E ao longo dos anos essas escolas foram se espalhando por algumas regiões cearenses, estando localizadas nos municípios de Tianguá, Tabuleiro do Norte, Ipueiras e Quixeramobim (SOUZA, 2019).

Na região dos sertões de Crateús a Escola Família Agrícola Dom Frágoso surgiu a partir do interesse dos camponeses, movimentos sociais, CEBs e grupos de religiosos que “viam no campo da educação, a fertilidade para o crescimento do potencial das pessoas residente no espaço rural” (SOUZA, 2019, p.72).

A EFA Dom Frágoso assim como todas as EFA's tem como base a pedagogia da alternância, ofertando o Ensino Médio integrado ao Curso Técnico em Agropecuária e tem como sujeitos integrantes, jovens camponeses egressos do 9º ano do ensino fundamental.

São estes jovens os protagonistas desta educação contextualizada, que vem de realidades distintas, pois no campo também se encontra uma diversidade de vivências dentro dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais, e não é de forma alguma um espaço singular.

A visão de juventude que norteia nosso trabalho parte da própria situação social dos jovens, das diferenças culturais, simbolizada e vivida pela diversidade de classe, gênero, etnia, orientação sexual e territorial. Nessa dinâmica, a juventude foi estudada e compreendida através dos processos da sua realidade do campo, configurada pelas condições de educação, trabalho e pela produção de expressões culturais.

O termo juventude carrega em si vários aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que podem ser utilizados para classificar tal termo. Muitas vezes a tendência que se tem é de “delimitar a juventude ao recorte etário com determinados valores e práticas sociais comuns”. Dessa forma cria-se a ideia de uma única juventude, sem considerar os diferentes espaços que ocupam.

Em termos universais, podemos dizer que a juventude é uma fase da vida em que os sujeitos vivem intensas e rápidas transformações biológicas, emocionais e cognitivas, que impactam seu modo de ser no mundo. (...) É uma fase também em que se ampliam as relações pessoais, políticas e sociais para além dos espaços restritos da família e da escola. (LEÃO, ROCHA 2015, p.19)

Os jovens ainda são classificados de acordo com a faixa etária, pois segundo o estatuto da juventude de 2013 “são consideradas jovens pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.” (BRASIL, 2013)

Todas essas classificações criadas sobre a juventude, sempre trazem uma abordagem homogeneizada desta categoria, deste modo como elaborar e desenvolver políticas públicas que

tratam da formação social e profissional, se o jovem que habita na zona urbana não é o mesmo jovem da zona rural?

“Juventude é, sem dúvida, mais do que uma palavra. Ao acionar juventude como forma de definir uma população, um movimento social ou cultural, ao usar a palavra jovem para definir alguém ou para se autodefinir, estamos, também, acionando formas de classificação que implicam relações entre pessoas e entre classes sociais, relações familiares e relações de poder” (CASTRO, 2012, p.439).

O jovem que iremos abordar ao logo deste trabalho, é o jovem da zona rural/campo, que também sofre com o estereótipo de homogeneização, sempre tendo que reafirmar sua identidade.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem abordagem qualitativa já que o objeto de pesquisa é a compreensão das falas dos educandos a partir de técnicas de pesquisa que darão ao pesquisador instrumentos de estudo. Sobre a pesquisa qualitativa Silva (2014) destaca a relação do pesquisador com a construção da análise dos dados obtidos, sendo este um processo:

“(..) predominantemente descritivo partindo da análise do pesquisador e de sua compreensão do todo para a reflexão sobre o que pode ser ou não elucidado, pois a descrição deve possibilitar um diálogo com o objeto. A pesquisa qualitativa então trabalha com o sentido de inteligência do pesquisador.” (SILVA, 2014, p. 110)

Para a coleta de dados a técnica utilizada foi a da entrevista, que é um dos instrumentos básicos quando se fala em pesquisa qualitativa. Através da entrevista é possível obter uma interação entre pesquisador e pesquisado, principalmente quando se trata de entrevista não estruturada, permitindo que o tema da pesquisa surja de forma espontânea nas respostas dos entrevistados. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986)

A pesquisa teve como campo de estudo a EFA Dom Fragoso que foi criada em 12 de novembro de 2001, e teve suas atividades iniciadas em 2002, com autorização de funcionamento sob o parecer N° 707/2005, Resolução 430/2009 do Conselho de Educação do Ceará. A instituição está situada na comunidade de Santa Cruz, distante 14 km do município de Independência. (PPP-EFA DOM FRAGOSO, 2015)

A escola se mantém através da Associação Escola Família Agrícola de Independência (AEFAI), assim como de sua auto sustentação, com a produção de hortaliças, frutas diversas,



mel de abelha, caprinos, ovinos, suínos e etc., das famílias, do poder público, de ONG's e parcerias.

As famílias precisam de uma escola que ensine aos seus filhos/as a lidarem com a terra, o meio ambiente, de forma criativa, inovadora e independente de fatores externos à sua propriedade e que lhes proporcione segurança, através do conhecimento de valores éticos, morais, intelectuais, meios de convivência com o semiárido, onde os jovens possam adquirir todos os conhecimentos da base nacional comum e ainda se prepararem para exercerem empreendimento dentro da sua comunidade, não precisando migrar (PPP-EFA DOM FRAGOSO, 2015, p.09)

Os sujeitos da pesquisa foram 30 jovens, sendo 20 meninos e 10 meninas egressos da EFA Dom Fragoso, onde permaneceram nesta instituição entre os anos 2018 a 2020. A faixa etária é de 18 a 31 anos, ao todo são 12 municípios, diferentes comunidades e assentamentos. A escolha desse público se deu pelo fato de que estes jovens passaram mais tempo na EFA no período presencial do que a turma que está agora cursando o terceiro ano.

A escolha por estes sujeitos justifica-se ainda pelo fato da pesquisa estudar as perspectivas de vida dos jovens camponeses perpassar pelo modo como eles se projetam e ao sair do ensino médio isso fica mais definido para os jovens, ou não. É isso que esta pesquisa vai tentar apontar, revelar. Para obtenção dos dados foram realizadas cinco etapas.

A primeira a ser realizada foi o levantamento dos trinta e dois egressos, este levantamento foi feito a partir da observação da lista de frequência da turma, em seguida fiz contato com alguns educandos, a partir de um grupo no whatsapp que ainda existe, criado no ano de 2018, com o ingresso da turma na escola, porém nem todos os educandos estavam neste grupo e consegui o contato dos outros a partir deste educandos.

Ao conseguir o contato de todos os educandos foi realizada uma conversa informal via aplicativo de mensagens (whatsapp), desses trinta e dois não obtive resposta somente de um egresso. Durante essa conversa foi perguntado aos egressos se eles aceitariam fazer parte da pesquisa e todos responderam que sim.

Após essa conversa, a pesquisadora pode compreender melhor em que situação se encontrava cada egresso, podendo assim selecionar os oitos egressos que iam fazer parte da pesquisa. A escolha de ser somente oito egressos se deu pelo fato de que a pesquisa se tornaria mais prática devido ao pouco tempo que a pesquisadora teria para sintetizar tudo. Desta forma, foram escolhidos quatro ex-educandas e quatro ex-educandos. O critério de escolha se deu pelas diferentes experiências citadas na conversa informal da primeira etapa, dentre elas, a continuidade das unidades produtivas, o ingresso na universidade, a migração para outras cidades, e aqueles que estão trabalhando com assistência técnica.

Posteriormente foi criado um grupo no whatsapp para facilitar a comunicação entre os jovens egressos. Neste grupo foi explicado como seria a entrevista com cada um e também foi definido a data da entrevista. A entrevista foi realizada de forma individual distribuídas em três dias diferentes de acordo com a disponibilidade dos pesquisados.

As entrevistas aconteceram através da plataforma google meet e tiveram duração de trinta minutos a uma hora. Para o desenvolvimento das entrevistas foi elaborado um roteiro com questões que buscaram questionar a importância e mudanças que ocorreram na vida dos jovens ao ingressam na EFA e quais os planos de futuro que estes jovens almejam.

Após a realização das entrevistas foi realizado a transcrição, ou seja, os relatos foram digitados em forma de texto, e em seguida utilizados para as discussões e resultados.

Durante todo o percurso para a realização das entrevistas percebeu-se que os egressos demonstraram bastante interesse em participar da pesquisa, pressupõe-se dizer que se sentiram orgulhosos por serem escolhidos, demonstrando a importância dessa pesquisa, uma vez que promove a visibilidade destes jovens.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta parte da pesquisa será apresentada toda a análise das entrevistas realizadas. Pode-se considerar que as falas dos egressos trazem muita riqueza em relação ao objeto de pesquisa, mostrando também outras abordagens que foram surgindo à medida que a entrevista foi se desenvolvendo.

No primeiro momento aborda-se o tema identidade camponesa, como esta identidade foi construída por muito tempo, criando-se um estereótipo de um povo, visto como ignorante, sujo, que servia somente para mão-de-obra. Porém esta identidade começou a ser reconstruída e valorizada a partir da educação popular e da educação institucional.

A constituição da identidade está relacionada a diversos significados que são compartilhados na vivência entre os sujeitos. Ela é construída a partir de vários aspectos em que estes sujeitos estão inserido: social, cultural, geográfica, etc; e, ao mesmo tempo, reconhecermos nosso eu, a nossa diferença e particularidade perante os demais integrantes da referida realidade social. (WOLFGRAN, 2018)

Portanto, cada pessoa constrói sua identidade a partir de uma formação coletiva e ao mesmo tempo individual, são essas vivências que nos fazem se identificar ou não ao ambiente em que estamos inseridos.



Além disso, ser do campo não é somente morar na zona rural (no interior), é compreender o seu espaço, a história do lugar onde vive, é perceber-se enquanto ser de direitos e lutar por esses direitos, é saber viver da terra, mas também valorizá-la e cuidá-la.

As EFAs apresentam em sua metodologia a educação libertadora que através das ferramentas pedagógicas possibilitam aos jovens uma mudança de pensamento quanto ao seu modo de vida, e a partir dessa mudança passam a entender qual espaço estão inseridos, como este foi construído, e como pode ser reconstruído, neste aspecto podemos observar na fala de uma das entrevistadas a evidência dessa mudança: *(...)antes da EFA eu pensava em ir embora quando terminasse o Ensino Médio, ir embora trabalhar na cidade fazer alguma coisa mas não continuar no campo e aí quando eu entrei na EFA quando a gente conhece a luta camponesa as atividades a potencialidade que as atividades agrícolas e pecuárias tem eu aprendi que o campo também é um local digno e eu podia morar no campo e produzir, ter uma vida sustentável (EGRESSA 1)''.*

A entrevistada coloca uma mudança de sentido e de discurso sobre o campo a partir da experiência na EFA, em que o campo passa a ser enxergado como lugar de potencialidades, possibilidades e desenvolvimento de atividades produtivas que oportunizam continuar e viver no e do campo.

Esse processo de mudança de percepção para compreender e perceber que o campo pode ser um lugar de viver com qualidade, deve ser gradativo, pois é preciso entender inicialmente a história do campesinato no Brasil, tudo que foi tomado e negado a este povo.

A partir de todas as vivências que a EFA oferece, sejam elas através da prática ou da teoria, percebe-se como as metodologias utilizadas na escola ainda fortalecem que a permanência no campo pode ser também uma escolha viável para os jovens que vivem no meio rural.

A educação do campo surge também como fortalecimento para a resistência feminina, dando às jovens camponesas a possibilidade de permanecerem no campo. Este fortalecimento se dá a partir do resgate da identidade camponesa, a participação das mulheres no desenvolvimento da agricultura, toda a história de luta dos movimentos feministas, são estes e outros elementos que reforçam para a convicção dessas jovens camponesas que podem viver no e do campo. Essa resistência feminina pode ser observada a partir da fala de uma das egressas, quando ela aborda o processo de reconhecimento de sua identidade: *“eu vi a minha verdadeira identidade né eu comecei a ser realmente protagonista da minha história, quando eu me reconheci eu vi o meu eu, que realmente agora ali sim era minha verdadeira vida. (...)*



quando eu comecei a estudar eu pude perceber que por eu ser mulher eu posso tá no campo também né eu posso viver no campo eu posso viver do Campo” (EGRESSA 2).

Pensar a juventude como categoria e grupo diverso mesmo vivendo numa mesma realidade, nos faz pensar no lugar das mulheres no campo. Brumer *et al.* (2008, p.03), relata uma realidade que pode ser observada no campo em relação a divisão de atividades pelos homens e pelas mulheres, em que as mulheres colaboram com eles na capina, colheita e trato dos animais, mas assumem praticamente sozinhas o preparo da comida, a limpeza da casa, a transformação de alimentos e as atividades de artesanato. Isso nos faz pensar nos diferentes papéis sociais, produtivos e políticos que as mulheres ocupam no campo.

Um outro ponto a ser abordado foi em relação à importância que a EFA tem, tanto na formação profissional como pessoal dos jovens egressos. Durante as entrevistas os/as jovens relataram outros elementos no decorrer da conversa, que foram as mudanças que aconteceram na vida destes jovens a partir de seu ingresso na escola, e também o sentimento que cada um atribui pela oportunidade de ter estudado em uma escola no e do campo. Deste modo, destaca-se a resposta de uma das egressas, que pode resumir a maioria das respostas dos pesquisados: *“A formação da EFA ensina muita coisa. Para mim inclusive, porque eu vou levar para a vida toda, porque não é só aquele princípio do curso técnico em agropecuária em si, mas ensina você ser muito mais além do que isso né, além de você ser um bom técnico, você ser um bom ser humano, você aprender a conviver em grupo, a você ter empatia, você reconhecer as causas sociais. Então para mim significa muito, e evolui bastante né a partir dos ensinamentos que a EFA ofereceu seja em mística, seja nas acolhidas que a gente faz bastante isso, tudo né agregou bastante para minha formação” (EGRESSA 4).*

A afirmativa da educanda sugere que a formação desenvolvida na EFA possibilita uma visão mais ampla do indivíduo e do seu papel, assim como da sociedade. Assim como sua responsabilidade política e social. No Nordeste, experiências positivas são referência para estimular as cooperativas a fim de conseguir maior organicidade na produção. Para tanto, faz-se necessário um trabalho de formação do campesinato voltado para a superação do individualismo e para a capacitação político-educativa. É necessário, pois, construir um modelo de produção de saberes sociais. Como afirma Damasceno (1993, p. 55), “O saber social é um saber gestado no cotidiano do trabalho e da luta camponesa, é a expressão concreta da consciência desse grupo social; um saber que é útil ao trabalho, aos enfrentamentos vividos cotidianamente pelos camponeses”.



Pensando nessa alternância os/as jovens que chegam a EFA devem assumir uma maturidade para que a convivência seja de forma harmoniosa. Este processo acontece aos poucos a medida que os jovens começam a compreender o espaço que estão ocupando e que não é um espaço individual.

Para que os jovens do campo possam projetar seu futuro e ter a possibilidade de viver no/do campo como uma dessas projeções, é necessário que estes rompam a sua consciência enquanto oprimido, para isso, precisam enxergar algo prático que possa lhe proporcionar uma visão diferente sobre seu espaço na sociedade.

A educação do campo surge como este caminho de libertação assim como a Pedagogia do Oprimido em que Paulo Freire cita como

“aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e re fará” (FREIRE, 1987, p.17).

A partir da pesquisa realizada com os jovens, pode-se inferir que existem dois tipos de educação, a da dominação e da libertação. A primeira se configura no período escolar antecedente ao ingresso na EFA, e a segunda, se dá a partir de quando estes jovens começam a fazer parte de uma educação que é construída com eles, como é o caso da educação contextualizada realizada em alternância ofertada pela EFA Dom Frágoso.

Begnami (2003, p.115) afirma que “por trabalhar uma proposta educativa integrando prática, trabalho, experiência e estudo, a alternância rompe de uma certa forma, com a inércia que caracteriza o sistema escolar convencional”.

A educação ainda é uma possibilidade pra que os jovens possam sonhar, quando se trata de uma educação do campo e contextualizada, essa possibilidade passa a ser vista como algo real, pois os jovens do campo saem de suas bolhas de repressão e comodismo, e passam a serem protagonistas de suas vidas. Começam a planejar o que querem fazer e onde querem estar, como destaca uma das entrevistadas: *“um deles né eu já realizei que minha vontade era de trabalhar né, de dar assistência e repassar os meus conhecimentos e também de dar continuidade aquilo que eu comecei né como experiência, que é o meu os meus projetos né que estão em continuidade, e assim eu também tenho um objetivo, um sonho desde criança que é fazer uma faculdade né de medicina veterinária e me formar e eu quero me formar e continuar no meu lugar né ajudando e dando uma continuidade do que eu comecei né do que foi do plano de estudo que é ajudar as famílias na comunidade a se desenvolverem também (EGRESSA 2)”*



Neste caso percebe-se muitas projeções que a entrevistada faz, como, cursar o ensino superior, dar continuidade aos seus projetos na unidade familiar e além disso ajudar outras famílias de sua comunidade. Importante ressaltar que é uma fala de uma mulher, jovem e do campo que está expondo essa visão de seu futuro. Não mais se tem o único objetivo de servidão, de servir ao lar, ao marido e aos filhos, busca-se outros horizontes, que vai construindo uma mulher que pensa, que fala e que faz.

Assim vemos ao longe das discussões realizadas com os educandos a importância que a educação ofertada pela EFA Dom Fragoso. Permite que as jovens camponesas se tornem mulheres livres e construtoras de suas próprias histórias, e que nessa construção não percam seus vínculos com o campo, assim como é destacado também pelos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do campo que está presente na EFA Dom Fragoso, tem grande significado nas trajetórias de vida dos jovens, pois percebe-se através de suas falas as transformações que tiveram, quando comparam seus modos de vidas ao chegarem na EFA e ao saírem. Como a trajetória na EFA implica na valorização de suas culturas camponesas e acima de tudo na identificação com essas culturas.

Alguns elementos podem ser destacados, que contribuem ou fortalecem para que os jovens egressos possam planejar e construir seus futuros. Como por exemplo a visibilidade que alguns jovens conquistam ao saírem da EFA, pela sua atuação nas comunidades, nos movimentos sociais, nas associações. A compreensão de que o campo tem potencial e que é possível a construção do bem viver. O desenvolvimento das atividades agropecuárias como melhoria de vida.

Ao analisar as respostas percebeu-se quão grandioso é esse projeto e todo o alcance que a educação do campo tem, apesar de que necessita de algumas reformulações, tendo em vista as transformações que a sociedade sofre e que afeta diretamente a juventude. É nítido a diferença das culturas consumidas pelos jovens de hoje daqueles de dez anos atrás por exemplo.

Penso que uma dessas reformulações seria, dar maior visibilidade a equidade de gênero, quando se trata das relações de poder existentes nos territórios camponeses; Reformular o pensamento sobre as tecnologias digitais, e fazer delas uma aliada a educação do campo; Discutir e dar visibilidade a pauta sobre a identidade de gênero e orientação sexual.

Quando se trata de uma visão mais ampla sobre as juventudes do campo, é preciso mais políticas públicas que viabilizem a permanência destes jovens em seus espaços, que não sejam



políticas voltadas somente para a educação ou para o meio profissional, que sejam também para opções de lazer, e desenvolvimento cultural. E o mais importante, que essas políticas sejam construídas com eles e não para eles.

REFERÊNCIAS

BEGNAMI, J. B. Formação pedagógica de monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias. 2003. 319 p. Dissertação (Mestrado Internacional em Ciências da Educação) – Universidade Nova de Lisboa-Portugal, Belo Horizonte, 2003.

BRASIL. Lei nº 12.852, de agosto de 2013. Estatuto da Juventude, Poder Legislativo, Brasília-DF, 2013.

BRUMER, A.; PANDOLFO, G. C.; CORADINI, L. Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, UFRGS, Florianópolis, 2008.

CASTRO, E. G. Juventude do Campo. **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LEÃO, G.; ROCHA, M. I. A. Juventudes no/do campo: questões para um debate. **Juventudes do Campo**. Autentica Editora, 2015, 294 p.

Lücke, M., & André, M. E. D. A. (1986). Abordagem qualitativa de pesquisa. In M. Lücke, & M. E. D. A. André (Eds.), Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU. M, M. Buscando o tesouro escondido. Humberto de Araújo, 2020, 216p.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO EFA DOM FRAGOSO. Independência-CE, 2015, 39 p.

SANTOS, P.; VINHA, J. F. S. C. Educação do/no campo: uma reflexão da trajetória da educação brasileira. **Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural**, 12 out. 2018.

SANTOS, R. B. História da Educação do Campo no Brasil: O protagonismo dos movimentos sociais. Teias, v.18, n. 51, out/dez, 2017.

SILVA, W. S. A pesquisa qualitativa em educação. Horizontes- Revista em Educação, v. 2, n. 3, 2014.

SOUZA, M. D. D. Do terreiro de casa ao chão da escola: história da Escola Família Agrícola Dom Fragoso. Edições UFC, Fortaleza, 2019.

WOLFGRAN, Lorrana Miranda. A valorização e o fortalecimento da identidade camponesa no assentamento treze de maio - Município de Nova Venécia- ES. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro Universitário do Norte do Espírito Santo (CEUNES) da Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2018.